



Piá 21

Este caderno é parte integrante do informativo Eco da Tradição



Nº 144
Agosto de 2013

O caderno Piá 21 é publicado mensalmente junto ao jornal Eco da Tradição, sob a responsabilidade da Vice-Presidente de Cultura do MTG - Neusa Marli Bonna Secchi

IMAGINÁRIO SOCIAL

22 de Agosto - Dia do Folclore

Em 22 de agosto, o Brasil comemora o Dia do Folclore. A data foi criada em 1965 através de um decreto federal.

É amplamente conhecida no Brasil a origem da palavra folclore: termo cunhado em inglês a partir das palavras folk, povo, e lore, saber. Uma área do conhecimento muito prezada pelo turismo cultural e pela Antropologia. Definido inicialmente no século XIX, pelo arqueólogo inglês William Thorns, o folclore designava então uma ciência cujo objeto de estudo eram as antiguidades literárias, as cerimônias, as crenças, as superstições e as manifestações do saber popular de sociedades com escrita, mais especificamente as européias. Já no século XX, os estudiosos procuraram estabelecer melhor o termo e sua área de estudos.

No Brasil, em 1951, foi realizado o I Congresso Brasileiro de Folclore, que elaborou a Carta do Folclore Brasileiro, documento que definiu folclore como o conjunto de maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação. Hoje os estudos de folclore foram assimilados pela Antropologia, que o redefiniu como o campo de investigação da cultura espontânea, rural ou urbana. Ou seja, da cultura material e imaterial, que se origina espontaneamente no seio do povo.

O conceito de folclore está intimamente ligado às noções de povo, de tradição e, como não podia ser diferente, de cultura, pois de forma simples, folclore é a cultura popular tradicional. Diferentes regiões, diferentes grupos sociais e étnicos possuem tradições folclóricas diversas, e o estudo dessas tradições diz muito sobre como vive e pensa o povo, sobre sua história e a história do país e região que o abriga. Assim, o folclore significa o conjunto de todas as tradições, costumes, lendas e crenças populares de uma região. Para alguns autores, folclore é o estudo da cultura espontânea coletiva de um povo "civilizado" ou seja, de uma sociedade com escrita. Essa é a perspectiva defendida, entre outros, por Rossini Tavares. Nesse sentido, os estudos que seguem essa perspectiva podem ser bastante etnocêntricos, por considerar o folclore a manifestação "menor" de um povo "avançado" desprezando o mesmo tempo as sociedades ágrafas e o próprio povo analfabeto das sociedades com escrita, e apresentando o folclore como uma elaboração rústica e primitiva de cultura, inferior à cultura erudita, à cultura das elites.

Mas o folclore pode também remeter à perspectiva contrária, ou seja, à valorização do saber popular, do conhecimento daquelas camadas sociais que, mesmo em uma sociedade que mantém o conhecimento erudito restrito às elites e sendo excluídas deste conhecimento, elaboram sua própria forma de conhecimento, democrática, criativa e dinâmica.

A cultura popular é composta pelas mais diversas manifestações folclóricas, desde danças e brincadeiras, à literatura oral constituída por pro-

vérbios, contos, cordéis, canções e à cultura material, com seus utensílios artesanais de utilidade cotidiana, e com a alimentação. Inclui ainda a chamada sabedoria popular, ou seja, conhecimentos comunais sobre o universo, aplicáveis à vida cotidiana, como a medicina popular.

É comum que algumas abordagens ressaltem apenas a característica da superstição nas narrativas folclóricas. Mas é preciso observar, como fez Robert Darnton para o folclore francês do século XVIII, que os contos populares e as narrativas supersticiosas muitas vezes têm caráter pedagógico e moralista, pois almejam transmitir lições para o cotidiano. Além disso, ao observarmos as lendas folclóricas brasileiras, percebemos que esses relatos populares têm também acentuado caráter lúdico. Também é comum considerar manifestação ou fato folclórico apenas aquelas manifestações transmitidas oralmente (o que lhe conferia um caráter popular em uma sociedade onde as elites dominavam a escrita) e fossem coletivas, anônimas (sem autor conhecido) e espontâneas. Mas essa definição de fato folclórico como fenômeno cultural antigo, oral e anônimo é, em si mesma, bastante etnocêntrica, e no Brasil já foi criticada inclusive os trabalhos de Luís da Câmara Cascudo, na década de 1940. Assim, atualmente os estudiosos preferem conceituar folclore como a tradição constantemente readaptada, que tem como características a funcionalidade, o dinamismo, a aceitação coletiva, a espontaneidade. Por outro lado, hoje, com a valorização da cultura popular por amplos setores letrados, é cada vez mais freqüente o registro de manifestações consideradas folclóricas, não apenas em texto escrito, mas em vídeos e músicas. No Nordeste, por exemplo, gêneros musicais tradicionais, como o coco e a ciranda de roda, têm ganhado, a partir das últimas décadas do século XX, espaço nas gravadoras e lojas de músicas, alcançando um público diferenciado e se readaptando a um novo contexto.

O antropólogo Renato Almeida, em obra clássica escrita na década de 1950, estudou o folclore a partir de uma visão funcionalista. Para ele, todo fato folclórico tinha uma função na cultura popular, e nela nada era gratuito ou arbitrário. O folclore, assim, estaria ligado ao passado, mas sempre readaptando-o para as necessidades do presente por meio da religião, das artes, das atividades lúdicas.

A produção e aplicação pedagógica do Caderno Piá 21 é responsabilidade da

Profª Maria Arita Madruga Garcia

Graduada em Matemática pela Universidade Católica de Pelotas

Mestre em Meteorologia pela Universidade Federal de Pelotas

Professora da rede estadual de ensino

Loja da Fundação

Aqui tu encontra
livros,
bombachas,
camisetas,
camisas,
botons,
pastas,
bombas,
cds, dvds e muito mais

Visite nossa loja
ou faça sua encomenda
por telefone ou e-mail

R. Guilherme Schell, 90
Bairro Sto. Antônio - Porto Alegre/RS

(51) 3223.5194
www.mtg.org.br
lojafcg@mtg.org.br

Adquira os lançamentos

LIVROS DA BIBLIOGRAFIA

ERVA-MATE Selo MTG

DIRETRIZES DA ALFABETIZAÇÃO GAÚCHA

RIO GRANDE DO SUL no Imaginário Social

A HISTÓRIA DO CHIMARRÃO

BOMBACHAS

De Segunda a Sexta
Das 9h às 12h - Das 13h às 18h
Remetemos os produtos para todo o Brasil



Também pesquisas atuais na área de Etnomusicologia afirmam o caráter dinâmico da cultura popular. Etnomusicólogos contemporâneos têm dado continuidade ao trabalho de registro de tradições musicais populares, iniciado por Mário de Andrade, em 1938, com a Missão de Pesquisas Folclóricas. Andrade também procurou registrar manifestações folclóricas consideradas inacessíveis, por se desenvolverem em lugares distantes dos grandes centros urbanos.

Considerando, então, que uma das características do folclore era a oralidade, a Missão de 1938 procurou registrar o maior número de manifestações culturais populares possíveis, com o intuito de preservá-las para as gerações futuras. Assim, percorreram diversas cidades em cinco estados brasileiros (Pernambuco, Paraíba, Ceará, Pará e Maranhão), registrando em fotos, filmes e gravações diversas manifestações da cultura popular, como o bumba-meu-boi, os reisados, os caboclinhos e o tambor de mina.

A versão atual da Missão, por sua vez, realizada por etnomusicólogos de universidades da Paraíba e de Pernambuco, segue novas perspectivas: considera que a cultura popular é dinâmica e vive em constante reelaboração, e não que vai desaparecer. Percebeu, por exemplo, que as manifestações gravadas pela Missão em 1938 continuam a existir, mas produzindo novas músicas com novas roupagens, como é o caso dos cocos e do carimbó. Esses pesquisadores preferem falar de música tradicional, e não de música folclórica, já indicando a existência de uma crítica a esse termo. Se o termo folclore está aos poucos sendo rejeitado por artistas e estudiosos, isso se deve ao sentido "pitoresco" com que a cultura popular era encarada. O adjetivo folclórico, dessa forma, expressaria certo desprezo por manifestações que, na verdade, não eram bem compreendidas, e só eram vistas pelo aspecto de "exótico" e de "pitoresco".

Não podemos abordar folclore no Brasil sem mencionar a obra daquele que se tornou referência fundamental sobre o tema, Luís da Câmara Cascudo, autor de mais de uma centena de trabalhos sobre cultura popular. Sua obra abrange desde os jangadeiros, vaqueiros, cantadores até a alimentação e as heranças judaica e moura no sertão.

Cascudo pesquisou principalmente o Nordeste, mas em diversas obras foi além do regional. A riqueza de informações recolhidas faz dele um autor indispensável para o conhecimento da cultura popular brasileira.

É importante que professores tenham acesso a essa riqueza de dados sobre as tradições populares no Brasil, pois o estudo das manifestações culturais populares nos permite entrar em contato com a diversidade cultural em nossa própria sociedade e observar que o povo cria arte e cultura de forma tão ou mais dinâmica que as elites intelectuais e a cultura erudita. Não podemos esquecer também que as trocas entre a cultura popular e a cultura erudita são constantes e ativas. Não apenas a literatura brasileira sempre se alimentou de temas populares - desde Iracema, de José de Alencar, passando pelo Macunaíma, de Mário de Andrade, até a obra de Guimarães Rosa e Ariano Suassuna -, como a música pop brasileira tem sido um dos principais divulgadores da música popular: desde Alceu Valença, passando por Chico Science e grupos atuais como o Cordel do Fogo Encantado. Mas também o contrário acontece: a cultura popular se alimenta da erudita. O cordel é um dos mais fortes exemplos dessa corrente em que o popular adaptou e reconstruiu um veículo erudito - a literatura escrita -, além de temas como a obra de Camões e a história de Carlos Magno.

Ainda, o folclore (termo hoje que está sendo substituído por cultura popular) está presente em todo o nosso cotidiano, e não apenas em manifestações culturais distantes.

O carnaval, as festas juninas, o forró, as comidas típicas, são elementos que existem nas grandes cidades brasileiras. Além disso, muito do saber popular, antes desprezado pela ciência, tem sido visto com maior interesse por pesquisadores de diversas áreas. Exemplo disso é a medicina popular, que emprega ervas e remédios homeopáticos hoje valorizados pela ciência médica como um todo. Podemos, dessa forma, trabalhar nossa proximidade com a cultura popular, relacionando também folclore e identidade, estimulando o contato entre o universo escolar e a comunidade local onde ele está inserido, procurando observar quais manifestações e saberes são desenvolvidos por essa comunidade. A escola pode implantar projetos interdisciplinares sobre cultura popular, envolvendo disciplinas como Música, História, Ciências (medicina popular), Sociologia etc., e mostrar como a cultura popular e a educação formal não são incompatíveis e podem caminhar juntas na formação dos educandos.

Manifestações Populares

As manifestações culturais são cheias de significados e sentidos e devem ser olhadas e analisadas dentro do contexto cultural no qual estão inseridas, nunca isoladamente, já que tudo que fazemos está envolto dessa "teia de significados". A exemplo disso, não podemos pensar a cultura de forma fragmentada. É preciso, contextualizar as manifestações culturais não só no tempo e no espaço que acontecem, mas também pensar seus signifi-

cados para os grupos sociais.

É comum no Brasil as pessoas participarem ativamente de vários tipos de manifestações e se sentirem fazendo parte daquela cultura. No Rio Grande do Sul, vários grupos organizados participam dos desfiles de Carnaval, em fevereiro; mas também participam das homenagens a Iemanjá e/ou a Nossa Senhora dos Navegantes, participam das festas para os santos, em junho; do acampamento durante os festejos farroupilhas, em setembro; e dançam, cantam e consomem bebidas e comidas típicas germânicas durante os kerbs e a Oktoberfest, em outubro. Além disso, não deixam de participar das festas religiosas ao longo do ano e das festas natalinas em dezembro, ou do terno de reis em janeiro. Desta forma, vemos que uma identidade ou uma manifestação cultural não exclui a outra. Na maioria das vezes, as equipes organizadoras dessas manifestações são as mesmas, pois são grupos engajados em suas comunidades.



Usos e Costumes

Fazem parte desta categoria folclórica as comidas típicas de cada região, como, por exemplo, o arroz com pequi e a couve com angu (Minas Gerais), o vatapá, o caruru e a galinha-de-xinxim (Bahia), a carne de sol (Rio Grande do Norte), a moqueca e a torta capixaba (Espírito Santo) e o churrasco e chimarrão (Rio Grande do Sul).



Crendices e Religiosidade

Envolvem os sinais e indícios (quebrar espelho é sinal de desgraça, coceira na mão é sinal de dinheiro), os maus agouros (sexta-feira 13, gato preto), os mitos e lendas (mula-sem-cabeça), lobisomem) e crendices religiosas (o candomblé baiano e a macumba carioca).



Mitos

Lobisomem

É um mito universal, registrado na Itália, Grécia, Espanha, Portugal, China, Japão e países africanos. De acordo com a crença, o lobisomem é um filho que nasceu depois de a mãe ter gerado sete filhas. A partir de 13 anos, ele começa a sair no período noturno, sendo que, entre meia-noite e duas da manhã, visita sete cemitérios, sete castelos, sete outeiros e sete encruzilhadas, virando um monstro. Depois pode voltar à forma humana. A lenda também conta que, para acabar com o lobisomem, basta feri-lo. Mas, se a pessoa se manchar com o sangue do monstro, também se transformará em lobisomem.



Boitatá



De norte a sul, do nordeste à região central, o boitatá é um dos primeiros mitos registrados no Brasil. O padre José de Anchieta descrevia assim: "existem fantasmas que vivem junto ao mar e aos rios e chamam-se baetata (coisa defogo). Vê-se apenas um facho de luz correndo e matando os índios, como fazem os curupiras. Não sei o que possa ser."

Couto de Magalhães escreveu que o boitatá também protege a caça e é "cobra-de-fogo". Tem semelhanças com outros mitos da França, Alemanha, Inglaterra, Portugal e Estados Unidos.

Mão-de-ouro

É um mito ligado ao período do Ciclo do Ouro, que tem por função guardar as minas. Já foi relatado no Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul.

Saci-pererê

O saci-pererê é um capetinha de uma perna só que "bole" em tudo, sempre cria confusões e espanta os idosos. Suas histórias são muito antigas e remontam ao século 18. Podem ter surgido a partir da lenda do "Fradinho-da-Mão-Furada", pertencente ao folclore português.

No Brasil, as diabruras do saci-pererê incorporaram as de outros mitos, sobretudo as do curupira, e causam pavor às gentes de todas as regiões. De acordo com a crença popular, para prender um saci basta possuir um rosário de contas, emborcar uma peneira com habilidade ou rezar o credo. A lenda também diz que o saci não faz malandragem com quem usa um bentinho com dentes de alho descascado, no pescoço.



Brinquedos e brincadeiras infantis

Os brinquedos de roda, músicas, canções (Marcha Soldado, Tereziinha de Jesus e Atirei o pau no Gato) e jogos infantis fazem parte do folclore nacional.

Linguagem

Esta categoria abrange os fenômenos da linguagem popular. São exemplos de mímica, os apelidos, anedotas, gírias e ditas populares, como: "Quem não tem cão, caça com gato", "Quem nasce lagartixa nunca chega a jacaré", "Sol e chuva, casamento da viúva. Chuva com sol, casamento do

espanhol", "Filho de peixe, peixinho é."

Literatura Oral

Engloba os desafios ao som da viola, os testamentos lidos no Sábado de Aleluia, na hora de queimar o Judas, os abecês dos cantadores do Nordeste, em que cada verso começa com uma letra do alfabeto, as quadrinhas referentes a questões amorosas, conselhos, regras de bem viver, culinária e homenagem a santos e os versos sem métrica e rima dos poetas populares.

As atividades realizadas devem buscar:

- Conhecer e resgatar algumas lendas regionais;
- Estabelecer relação entre o falado e o escrito;
- Conhecer semelhanças e diferenças entre os gêneros da escrita, presentes no folclore brasileiro;
- Pesquisar e registrar as diversas manifestações culturais do folclore de cada região;
- Identificar o uso da linguagem formal e informal;

Educação Infantil

Para aproximar o folclore da realidade dos alunos na Educação Infantil as atividades devem ser voltadas para brincadeiras e cantigas de roda. Além de estimular o movimento, algo fundamental nessa faixa etária, elas ajudam as crianças a desenvolver a fala. Batucar e dançar nossos ritmos regionais, por exemplo, faz os pequenos entrarem em contato com manifestações artísticas locais, que são expressões da nossa cultura.

SUGESTÕES:

- Cantigas de Roda;
- Trabalhar as lendas, mitos e contos em forma de teatro;
- Realizar trabalhos artísticos de colagem, pintura, modelagem, maquetes e outros;
- Promover concursos de desenhos e exposição;

Bibliografia sugerida:

Aprendendo a Brincar - Rose Maria Garcia
ABC do Tradicionalismo Gaúcho - Salvador Lamberty
Brincadeiras Cantadas - Rose Mari Garcia e Lílian Argentina Marques
Brincadeiras Infantis - Paula Simon Ribeiro e outros
Lendas do Sul - João Simões Lopes Neto

Ensino Fundamental e médio

A partir do 1º ano, já é possível contar com a ajuda dos alunos para levantar diversos elementos do folclore. Com base no levantamento de exemplos de situações mais próximas da realidade do público-alvo. As atividades podem ser com lendas e mitos. E no ensino médio podem ser trabalhados os conceitos como fato folclórico.

SUGESTÕES:

- Fazer seminários e debates literários;
- Reescrever as lendas tentando adaptá-la ao nosso tempo;
- Identificar nas lendas vocábulos desconhecidos e procurar identificá-los;
- Trabalhar de modo interdisciplinar as lendas, mitos e contos gauchescos procurando em cada uma delas identificar as paisagens descritas (geografia) e o período histórico que se referem;
- Organizar concursos fotográficos com as lendas geográficas (cerro do Jarau, pedra do segredo...)
- Pesquisar as lendas regionais. Buscar conhecer lendas que os mais velhos contam sobre o município;
- Concurso de poesias sobre o tema;

BIBLIOGRAFIA

ABC do Tradicionalismo Gaúcho - Salvador Lamberty
Contos Gauchescos - João Simões Lopes Neto
Lendas do Sul - João Simões Lopes Neto
Rio Grande do Sul - Aspectos do Folclore - Lílian Argentina Marques e Outros
Dicionário de Conceitos Históricos - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva - Ed. Contexto - São Paulo; 2006



PASSATEMPOS

TRAVA-LÍNGUAS

Teste sua concentração com esses trava-línguas super legais.
Boa diversão!

Sabia que o sabiá
sabia assobiar?

O peito do pé do
Pedro é preto!

O desinquivincavador das caravelarias
Desinquivincavaria as cavidades
Que deveriam ser desinquivincavacadas.

Um sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo papo
O papo cheio de vento.

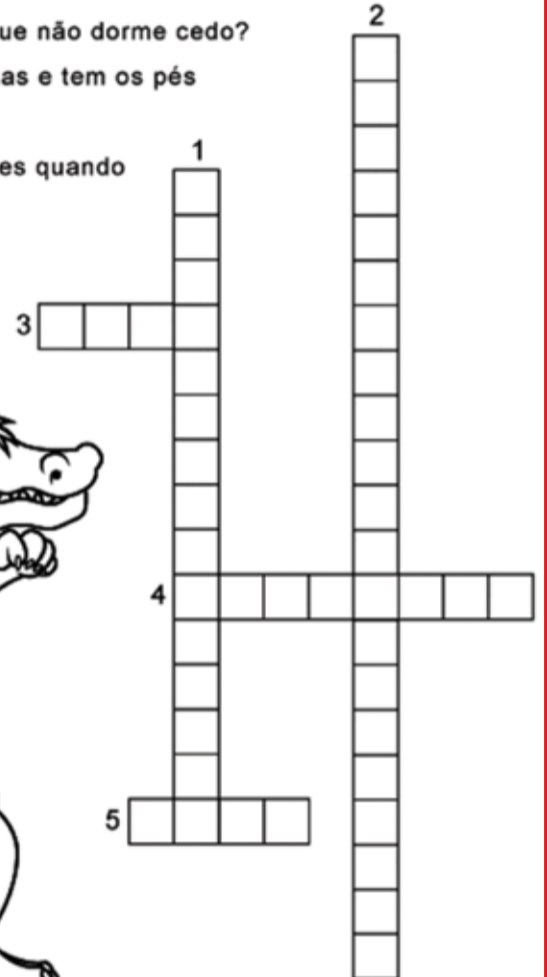
Num ninho de mafafafos
Tinha seis mafagafinhos
Também tinha magafaças,
Maçagafas, maçaafinhos,
Mafafagos, magaçaças,
Maçafagas, magafinhos,
Isso além dos magafafos,
E dos magafagafinhos

Se a aranha arranha a rã,
Se a arranha a aranha.
Como arranha a aranha a rã?
Como a rã arranha a aranha?

CRUZADINHA

Mate as charadas sobre o Folclore e complete
a cruzadinha com as respostas. Boa diversão!

1. Quem é que solta fogo e adora lua cheia?
2. Apanhei muito e Nossa Senhora me salvou.
3. Quem é que pega criança que não dorme cedo?
4. Quem é que protege as matas e tem os pés virados para trás?
5. Quem é que fica sem poderes quando perde o gorro?



CAÇA PALAVRAS

-Instruções:

Para brincar com o jogo do Caça Palavras basta imprimir essa página,
depois encontre no diagrama abaixo o nome de cinco elementos que
fazem parte do Folclore. Boa diversão!

1. Como se chama o ruivinho protetor das matas?
2. Quem é o diabinho que entende tudo de ervas?
3. Quem é que assombra casas perto de igrejas?
4. Qual a fruta preferida do Curupira?
5. Que cor é o gorro do Saci?



S	X	A	G	R	V	E	O	R	C	O	R	E
A	E	C	U	R	U	P	I	R	A	P	M	J
S	J	P	M	E	M	U	G	S	G	F	I	S
M	U	L	A	S	E	M	C	A	B	E	Ç	A
I	P	O	N	H	A	J	E	R	I	X	E	C
E	I	X	G	I	B	L	N	U	G	A	L	I
R	R	G	A	N	V	E	R	M	E	L	H	O
U	A	P	J	B	A	P	O	S	Z	A	O	L

